TECENDO O FIO DE ARIADNE COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO[1]

*Gislaine da Nóbrega Chaves**

RESUMO

A violência contra a mulher se constitui em um fenômeno universal, independendo de sua condição de gênero, classe, raça/etnia, geração e/ou orientação sexual. Na contemporaneidade, convive-se com situações cotidianas de violência que atinge as mulheres em várias dimensões: física, psicológica, sexual, simbólica, patrimonial, inclusive o tráfico de pessoas. Faz-se necessário, pois, problematizar e criar estratégias de enfrentamento aos diversos tipos de violência de gênero, oportunizando o empoderamento das mulheres em situação de violência. A prática social da violência contra a mulher interfere em sua saúde, em sua aprendizagem, em seu desenvolvimento cognitivo e no seu trabalho, afetando sua qualidade de vida e sua contribuição cidadã à sociedade. Dentre os objetivos do projeto, destaca-se a abordagem do tema da violência de gênero com mulheres habitantes da Região Metropolitana do Vale do Mamanguape. O eixo estruturador da metodologia adotada fundamenta-se nas oficinas de pesquisa compreendidas como realidades planejadas, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema. As mulheres, a partir de suas reflexões e de suas falas, em processo de catarse, podem ressignificar suas leituras de mundo por meio das oficinas de pesquisa. Nesse sentido, urge visibilizar as mulheres do Vale do Mamanguape e colocar à sua disposição uma rede de conhecimentos, saberes e fazeres, estreitando a relação da Universidade com a Comunidade, abordando o fenômeno da violência pela pesquisa que se faz através da ação.

Palavra-Chave: Violência de Gênero. Oficina de Pesquisa. Educação.

---

[1] Texto adaptado do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne com Mulheres em Situação de Violência de Gênero, submetido ao edital PROEXT-2014.

* Professora Doutora em Educação/Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Campus IV-Litoral Norte/Curso de Pedagogia/Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE)/Departamento de Educação (DE)/nchaves@hotmail.com

PROBLEMATIZANDO A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO MAMANGUAPE-PB

Neste projeto de extensão, propomo-nos a tecer o (s) Fio (s) de Ariadne com mulheres em situação de violência de gênero, estabelecendo uma interface com a educação. A metáfora do mito de Ariadne remete-nos a estabelecer um dos fios condutores de enfrentamento do fenômeno da violência de gênero, atuando por meio da reeducação de mulheres das camadas populares na perspectiva de uma mudança cultural, sob o prisma da discussão dos direitos humanos, dos valores éticos e do respeito às diversidades de gênero. Aqui optamos por adotar a expressão violência de gênero por sua amplitude conceitual. Conforme Gomes et al (2005, p. 118), “A violência de gênero abrange a que é praticada por homens contra mulheres, por mulheres contra homens, entre homens e entre mulheres”. Portanto, objetivamos sensibilizar, preferencialmente, um grupo de mulheres em situação de violência, por meio de oficinas pedagógicas sobre relações de gênero e direitos humanos, considerando a discussão das diversas práticas cotidianas de violência, no espaço privado, sua repercussão na vida das mulheres e as estratégias utilizadas para o seu enfrentamento.

Conforme a Organização Não Governamental (ONG) 8 de Março, os índices da violência contra a mulher, no Estado da Paraíba, continuam crescendo, mas as denúncias e a punição também, e isso de deve à implantação de políticas públicas, a exemplo da criação da casa abrigo e dos juizados e varas de Violência Doméstica, assim como ao cumprimento da Lei nº. 11.340 (Lei Maria da Penha). Dados recentes do Centro da Mulher 8 de Março revelam que, de janeiro a maio de 2011, foram registrados 26 homicídios e 38 estupros de mulheres na Paraíba. No mesmo ano, ocorreram 26 tentativas de homicídios e três tentativas de estupros, além de 29 casos de agressão. Já em 2012, até o início da terceira semana de maio, o Centro constatou que houve 51 homicídios e 41 estupros no Estado. Em 2012, a referida ONG registrou ainda 33 tentativas de homicídio, 31 tentativas de estupro e 48

agressões contra mulheres na Paraíba (Violência doméstica. Disponível em: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/84698_violencia-domestica>. Acesso em: 16 mar. 2013).

Waiselfisz (2012) revela que a Paraíba ocupa o 7º lugar, quando se trata de homicídios femininos nas unidades federativas, com uma taxa de 6,0 a cada 100 mil habitantes, e o município de João Pessoa ocupa o 2º lugar, com taxa de 12,4 a cada 100 mil habitantes (Mapa da Violência 2012: Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil, 2012. Disponível em:http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_mulheres.php>. Acesso em: 16 mar. 2013).

Em conversas informais com profissional que compõe o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), "(...) unidade pública e estatal, que oferta serviços especializados e continuados a famílias e indivíduos em situação de ameaça ou violação de direitos (violência física, psicológica, sexual, tráfico de pessoas, cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, etc.)". (Disponível em: <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaoespecial/creascesso>. Acesso em: 01 mar. 2013), localizado em Mamanguape, percebemos que existe uma demanda para a assessoria a mulheres em situação de violência de gênero. De acordo com a secretária de ação social, o atendimento a essas mulheres tem ocorrido de forma isolada, mas com possibilidade de se formar um grupo de mulheres em Mamanguape-PB. Porém, a região do Vale do Mamanguape foi escolhida por se constituir em uma área geográfica com traços étnico-culturais diversos, permitindo a ampliação das ações de extensão, de pesquisa e ensino.

Este projeto surgiu da necessidade de visibilizar um grupo de mulheres, cujas estatísticas relacionadas ao fenômeno da violência, na Região Metropolitana do Vale do Mamanguape – PB, podem ser maiores, já que muitas mulheres ainda temem denunciar seus agressores. A região é composta por onze municípios: Baía da Traição, Cuité de Mamanguape, Capim, Rio Tinto, Curral de Cima, Itapororoca,

Jacaraú, Mamanguape, Marcação, Mataraca e Pedro Régis. No Vale do Mamanguape não existe Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher. As mulheres em situação de violência tendem a buscar a Delegacia de Polícia Civil, que se localiza no município de Mamanguape-PB, quando necessitam de atendimento. Cabe ressaltar que muitas vezes essas mulheres não conseguem se desvincular dos sujeitos agressores por enfrentarem dificuldades econômicas para se manter, assim como a seus filhos (as), ou mesmo pelos elos emocionais que estabelecem com os seus agressores. Esse fato evidencia que a violência contra a mulher se constitui em um fenômeno complexo que necessita de uma rede de parceiros para compreender a trama que envolve os sujeitos em situação de violência e para formular estratégias conjuntas que propiciem o empoderamento e a qualidade de vida dessas mulheres.

A existência de práticas violentas nos relacionamentos afetivos e familiares de mulheres não é algo incomum. Aqui não é demais dizer que a violência de gênero se constitui em um fenômeno universal que independe de classe social, raça, etnia e faixa etária. As relações de gênero e poder vertical interferem em várias esferas da vida das mulheres, sobretudo no que se refere ao desempenho educacional de mulheres, em sua inserção e/ou permanência no mercado de trabalho, e, particularmente, em seu desenvolvimento cognitivo e em sua qualidade de vida; entraves provocados por práticas machistas ancoradas no patriarcalismo, reforçadoras do modelo cultural androcêntrico, e que merecem ser discutidas e analisadas. Enfatizamos que a violência contra a mulher atinge as mulheres em várias dimensões: física, psicológica, sexual, simbólica e/ou patrimonial. Por isso, priorizamos os eixos temáticos Gênero e Subjetividade e Direitos Humanos e Violência contra a Mulher na elaboração de nossas oficinas de pesquisa. Esses eixos se espraiarão no campo da História das Mulheres e das Relações de Gênero.

O estudo desse tema implica também em repensarmos o currículo escolar, da educação básica ao ensino superior, e seus desdobramentos na formação de estudantes, tendo em vista que a violência contra a mulher, historicamente naturalizada, está presente no cotidiano de homens e mulheres. No Curso de

Pedagogia da UFPB, Campus IV, situado em Mamanguape-PB, apresentaremos os resultados do projeto na disciplina Cultura, Gênero e Religiosidade, não apenas visando a revitalizar o conhecimento produzindo na Universidade, mas fortalecendo o ensino e contribuindo para a formação humana e profissional em um Curso majoritariamente composto por mulheres.

A principal contribuição deste projeto consiste em oportunizar o encontro de mulheres em situação de violência para discutirem o fenômeno da violência e trocar experiências, considerando a participação dessas mulheres na construção de um mundo de paz. Outrossim, o projeto contribui para a formação de estudantes ao sensibilizá-las para o compromisso ético com sua formação e com a qualidade do ensino, considerando a formação de quadros para a pesquisa, o estudo e a realização de oficinas pedagógicas, além da produção de conhecimento acerca de temáticas que propiciarão reflexões sobre os diversos tipos de violência contra a mulher e algumas das formas para o seu enfrentamento por meio das atividades de extensão.

Sendo assim, os fios de Ariadne apontam para as seguintes problematizações: Como sensibilizar mulheres em situação de violência para participarem de grupos de discussão sobre gênero e violência? Quais as suas concepções sobre a violência de gênero? Quais as suas reações quando vivenciam situações de violência física, psicológica, sexual e/ou patrimonial? Como enfrentam as situações de violência cotidiana praticadas no espaço privado? Quais são os seus sonhos e expectativas? Que variáveis contribuem para a reprodução da violência de gênero na Região Metropolitana do Vale do Mamanguape?

RELAÇÕES DE GÊNERO: breve contextualização

No Brasil, nas duas últimas décadas, discussões sobre as relações de gênero têm sido colocadas por estudiosas (os) que atuam em diversas áreas do conhecimento nas universidades, nos movimentos sociais, nas organizações

governamentais e não governamentais. Após o período de redemocratização brasileira, assistimos a uma mobilização nas universidades em torno de formulações teóricas sobre a História das Mulheres e as Relações de Gênero. A criação de cursos de pós-graduação, de núcleos de estudos e pesquisa, a organização de eventos científicos, iniciativas de departamentos do governo à formulação de políticas públicas e produção de textos por meio de concursos, com concessão de premiações, têm contribuído para a disseminação dos Estudos da Mulher e das Relações de Gênero em diversas áreas do conhecimento. Embora, atualmente, possamos considerar esse campo de estudos mais definido em seus contornos teórico-metodológicos, ele ainda carece de legitimidade acadêmica, como bem afirmam as historiadoras Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007), ao se reportarem à História das Mulheres e às Relações de Gênero. O conceito de gênero eclodiu no campo de estudos feministas e dos estudos da mulher, configurando-se como fruto do Movimento Feminista. Nos seus primórdios, focalizou sua atenção no sujeito “mulher” e foi questionado pelas mulheres negras, lésbicas, índias e pobres, uma vez que essas mulheres não se sentiam contempladas em suas demandas. A teoria feminista passou a articular tal conceito, a partir da década de 1980 e 90, aos conceitos de classe, etnia, raça, geração, orientação sexual, na tentativa de compreender as várias estruturas e dinâmicas de desigualdade. Por isso, podemos considerar os estudos feministas como multidisciplinares, uma vez que focalizam diversas temáticas, práticas sociais e experiências de mulheres. Portanto, o conceito de gênero como contribuição da teoria feminista está ligado à história recente do Movimento Feminista. (LOURO, 1997).

O Movimento Feminista e o campo de estudos feministas colocaram à educação contemporânea alguns desafios, dentre eles a necessidade de se discutir e pautar as lutas sociais contra as várias dimensões da opressão, além da opressão de classe. Ou seja, estabeleceu-se a necessidade de se compreender as relações de poder (FOUCAULT, 1979) para além das relações macroestruturais da luta de

classes, e de se evidenciar outras esferas nas quais ocorrem ou se expressam relações de poder. Essa abordagem, portanto, facilitará o alcance dos objetivos e ações deste projeto, tendo em vista que as oficinas a serem realizadas e os conhecimentos produzidos com mulheres em situação de violência de gênero terão impacto sociocultural no seu entorno e em sua qualidade de vida, contribuindo para o seu empoderamento e para o desenvolvimento local e regional.

As relações de gênero constituem uma das dimensões estruturantes das relações sociais, que nos remetem a um conjunto de comportamentos expressos em práticas, atitudes, valores e qualidades atribuídas a homens ou a mulheres. O sistema sexo/gênero produz hierarquias, situando os homens (metade positiva) numa posição privilegiada, em detrimento das mulheres (metade negativa) (CRANNY-FRANCIS, 2003). As desigualdades forjadas a partir do gênero estão presentes em nosso cotidiano, mas, como foram naturalizadas pela cultura androcêntrica, muitas vezes não são percebidas. O conceito de gênero está relacionado à construção sociocultural do sexo. Isso coloca as diferenças entre homens e mulheres no campo das relações de gênero, uma vez que são utilizadas para justificar as desigualdades sociais. Essa concepção diferencia-se da compreensão estrita do sexo em sua dimensão biológica, justificadora de essencialismos, atribuindo a homens e mulheres uma “natureza imutável”.

NUANCES DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Nas relações de gênero, a mulher faz parte de um nó que nos desafia, pois não raras vezes sofre e reproduz situações de violência que se agudizam pelo fato de ser mulher, por sua condição de gênero, classe, etnia e/ou de raça. Isto nos faz pensar que convivemos com situações cotidianas de violência física, psicológica, sexual, simbólica e patrimonial que precisam ser enfrentadas. Para MINAYO (1994, apud GOMES et al, 2005, p. 118).

> a violência contra a mulher, vista a partir das relações de gênero, distingue um tipo de dominação, de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construído, reproduzido na cotidianidade e subjetivamente assumido pelas mulheres, atravessando classes sociais, raças, etnias e faixas etárias. A violência contra a mulher constitui uma questão de saúde pública, além de ser uma violação explícita dos direitos humanos.

Segundo Schraiber (2002), estima-se que esse problema cause mais mortes às mulheres de 15 a 44 anos que o câncer, a malária, os acidentes de trânsito e as guerras. Suas várias formas de opressão, de dominação e de crueldade incluem assassinatos, estupros, abusos físicos, sexuais e emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial e outras. Os perpetradores costumam ser parceiros, familiares, conhecidos, estranhos ou agentes do Estado (SCHRAIBER et al., 2002, apud GOMES et al, 2005, p. 118).

Nesse sentido, precisamos nos fortalecer enquanto mulheres e cidadãs, promovendo uma cultura de paz entre homens e mulheres. A construção de um mundo de paz, sob o enfoque de gênero, exige a globalização da solidariedade e da resistência, a extensão da ação do Movimento Feminista para outros movimentos sociais, o fortalecimento de vínculos entre o local e o global, e a luta contra as várias dimensões da opressão (MATTE, 2005). Nesse sentido, utilizaremos a abordagem de gênero, visando a investigar práticas culturais sugestivas da existência de relações de poder (SCOTT, 1990) entre homens e mulheres, em suas relações afetivas, por meio das falas de mulheres em situação de violência de gênero. Para Gomes et al (2005,119-120), a violência contra a mulher ocorre nos espaços público e privado, caracterizando-se como um fenômeno universal:

> A violência contra mulheres, em maioria, se exprime na esfera privada, embora, mostram as feministas, o âmbito privado é político também. Por exemplo, manifesta-se no seio da família com a violação incestuosa, com as mutilações genitais, com o infanticídio, com a preferência pelo filho homem, com os casamentos forçados. Dentro do casamento, expressa-se na relação por meio do estupro conjugal, pelas pancadas, pelo controle psicológico, pelo proxenetismo, pelo crime de honra ou, às vezes, pelo assassinato da esposa. No domínio público, a violência se manifesta pelo assédio sexual e moral no trabalho, pelas agressões sexuais, pelo estupro

> coletivo, pelo tráfico sexual, pelo uso da mulher na pornografia, pelo proxenetismo organizado, pela escravidão e pelas esterilizações forçadas, dentre outras. (...). Mas, a violência contra a mulher também provoca a sua morte, seja por razões conjugais, sexuais ou culturais. Por exemplo, são conhecidos internacionalmente os assassinatos de recém-nascidas na China e os crimes de honra em Marrocos e na Jordânia. Mas, na sociedade brasileira os homicídios também ocorrem, (...), seja pela exacerbação da relação conjugal, seja por outros motivos que as incluem no âmbito da violência social mais ampla.

Corroboramos Saffioti (2003) quando afirma que não se pode pensar o sujeito feminino como um ser unificado, porque é múltiplo, sendo mais contraditório do que dividido. Assim "o sujeito constituído em gênero o é também em classe social e em raça/etnia" (SAFFIOTI, 2003, p. 54). Nesse sentido, o tripé gênero, raça/etnia e classe faz parte das contradições básicas da sociedade e estrutura as relações de poder. Na perspectiva de Saffioti (2003), essas dimensões, ao se fundirem em um nó, alimentam-se mutuamente, agudizando os conflitos e dificultando as alianças. Aqui cabe ressaltar que a Região Metropolitana do Vale do Mamanguape abriga grupos comunitários, cujo principal traço é a diversidade étnica e cultural. Sendo assim, os grupos de mulheres a serem atendidos pelo projeto serão, preferencialmente, formados por trabalhadoras rurais, indígenas da etnia Potiguara e as mulheres que habitam as zonas de periferias dos municípios que compõem o Vale do Mamanguape – PB.

O conceito de gênero se inscreve em um universo relacional. Portanto, há que se considerar o binômio igualdade/diferença na construção de gênero. A mulher vivencia um processo de dominação/exploração, cuja ideologia de gênero, com fins de discriminação, busca atingir eficácia política, naturalizando as diferenças que foram socialmente construídas, e que podem, por isso, ser transformadas. Para Saffioti (2003, p. 57),

> a superação das atuais contradições é representada por um outro estágio de desenvolvimento que, eventualmente, desse lugar a outras contradições, mas que também pudesse permitir uma convivência mais humana entre os diferentes.

Foi por meio dos estudos feministas que a categoria gênero, em sua historicidade, aliou expressão política a desempenho teórico, problematizando uma série de questões nas quais homens e mulheres estão imersos no seu cotidiano, na sua história e na sua cultura. De acordo com Saffioti (2003), o feminismo remeteu as relações de gênero a sujeitos coletivos, a exemplo do que ocorreu com o conceito de “classe social”. Nesse sentido, destacamos o caráter educativo dos movimentos sociais (WARREN-SHERER, 1987) progressistas que adotaram o conceito de gênero ao propiciar, a mulheres e homens, formas plurais de ser, agir e pensar na construção de um mundo de paz, ou menos desigual.

Logo, a construção de um mundo de paz sob o enfoque de gênero exige a globalização da solidariedade e da resistência, a extensão da ação do Movimento Feminista para outros movimentos sociais, o fortalecimento de vínculos entre o local e o global, e a luta contra as várias dimensões da opressão (MATTE, 2005). Ainda de acordo com Saffioti (2003, p. 57), para quem as utopias de igualdade chegaram a fracassar porque não admitiam diferenças, havendo que reformular essas ideias,

> tende-se a imaginar uma sociedade equânime (ou quase) com grandes variações de atividades, mas com pequenas diferenças no que tange ao padrão de vida, garantindo-se serviços de educação, saúde, lazer etc. de boa qualidade.

Sob essa perspectiva e sem desmerecer outras concepções igualmente profícuas, consideramos a concepção de Saffioti (2003) sobre o conceito de gênero como uma das mais completas, por transitar entre os aspectos micro e macroestruturais, quando aborda que a importância desses estudos está diretamente relacionada à construção de um mundo de paz, onde exista a convivência entre a diferenciação e a homogeneização. Sendo assim, este projeto se coaduna a essa abordagem ao focalizar a interface Gênero/Educação, ao contribuir com a qualidade da educação local e regional, e com o empoderamento das mulheres da Região Metropolitana do Vale do Mamanguape.

OFICINAS DE PESQUISA: marcos metodológico e educacional da proposta

Os sujeitos de nossas oficinas de pesquisa serão mulheres em situação de violência de gênero que residem na Região Metropolitana do Vale do Mamanguape-PB. Compreendemos por mulheres em situação de violência de gênero não somente aquelas atingidas em sua integridade física, mas também aquelas que vivenciam situações cotidianas de violência naturalizada pela cultura androcêntrica e patriarcal. Para tanto, pretendemos estimular a formação de quatro polos irradiadores das ações do projeto, considerando o espaço em que as mulheres residem, bem como os aspectos de sua identidade étnica e cultural:

Polo 1 - Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto (Vila Regina) - (Mulheres da etnia Potiguara);

Polo 2 - Pedro Régis, Jacaraú, Cuité de Mamanguape, Curral de Cima e Capim trabalhadoras rurais);

Polo 3 – Mamanguape, Mataraca e Itapororoca (Mulheres habitantes de zona de peri

Polo 4 – Estudantes da Escola de Enfermagem Rosa Mística (Parceira do Projeto).

Aqui não é demais reafirmar nosso propósito de sensibilizar mulheres em situação de violência de gênero para a necessidade da discussão sobre as relações de gênero e para o conhecimento da Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), focalizando o direito de viver uma vida sem violência como um direito humano. Construiremos, pois, oito oficinas pedagógicas caracterizadas como ação emergencial, formativa e/ou preventiva desdobrada em dois eixos temáticos: Gênero e Subjetividade e Direitos Humanos e Violência contra a Mulher, conforme o quadro

abaixo:

QUADRO DEMONSTRATIVO: GÊNERO E EMPODERAMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

EIXO TEMÁTICO 1 – GÊNERO E SUBJETIVIDADE: focalizará aspectos da subjetividade das mulheres em situação de violência, priorizando sua qualidade de vida cognitiva e emocional, sob a perspectiva de gênero. (quatro oficinas com um público de 25 mulheres).
EIXO TEMÁTICO 2 - DIREITOS HUMANOS e VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: abordará os diversos tipos de violência contra mulher como um problema de saúde pública e suas formas de enfrentamento, a partir de oficinas que privilegiam a discussão sobre o empoderamento e a qualidade de vida da mulher. (quatro oficinas com um público de 25 mulheres).

Fonte: Projeto Tecendo o Fio de Ariadne com Mulheres em Situação de Violência de Gênero

O eixo estruturador de nossa metodologia fundamenta-se nas oficinas de pesquisa, compreendidas como "(...) realidade planejada, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema." (CHAVES; STORNI, 2002). O percurso metodológico das oficinas está apoiado no tripé: 1) experiência com os objetos, 2) experiência com as pessoas e 3) socialização das experiências. (COLL, C. e MARTÍ, E., s/d). Sua realização exige, pois, preparo teórico e técnico por meio das dinâmicas que a compõem, já que o processo de aquisição de conhecimento, neste caso, dá-se por meio de uma situação-problema apresentada aos sujeitos colaboradores da pesquisa. Acreditamos que as mulheres podem, a partir de suas reflexões e de suas falas, em processo de catarse, ressignificar suas leituras de mundo por meio das oficinas

pedagógicas. Portanto, compartilhando experiências ressignificarão concepções, conceitos e práticas vislumbrando sua inserção na sociedade, suas conquistas, seus avanços e seus recuos. Delineamos abaixo alguns dos princípios educacionais norteadores desta proposta:

Autonomia – compreendida como postura dinâmica por parte do sujeito diante da sua realidade e na busca da construção de alternativas para multiplicar o conhecimento adquirido e disseminá-lo em sua comunidade. Essa postura deve permear não somente as mulheres colaboradoras das oficinas, mas a equipe executora também;

Diálogo – assentado no tripé ação/reflexão/ação, visando o conhecimento da realidade local, sobretudo com a finalidade de embasar a construção das demais oficinas. Embora as oficinas priorizem as relações de gênero e a violência contra a mulher, adquirem um sentido mais amplo quando relacionadas a outros aspectos da vida e experiência das mulheres – sujeitos concretos com anseios, temores, dúvidas, desejos... Por isso, a construção das oficinas se espraiará na formulação de outros eixos propiciadores da ampliação de discussões sobre o empoderamento e a qualidade de vida dos sujeitos;

Interdisciplinaridade – resultado de trocas conceituais, teóricas e/ou metodológicas entre áreas conhecimento, objetivando a compreensão não somente da violência de gênero e das formas para enfrentá-la, mas também das experiências concretas das mulheres. O princípio incidirá no processo organizacional e formativo das mulheres, bem como na composição da equipe executora que agregará três professoras, uma técnica administrativa, representante da Escola de Enfermagem Rosa Mística e estudantes de graduação dos seguintes cursos: Pedagogia (02), Antropologia Visual (02) e Secretariado (01);

Circularidade – aborda o conhecimento que é disposto em roda, a partir de fios que compõem uma rede partilhada de diversas experiências, saberes e práticas socais construídas coletivamente pelos diversos profissionais, estudantes e parceiros que atuarão no projeto a serviço das comunidades. Cada professor (a) e/ou técnica administrativa ficará responsável por um polo, juntamente com estudantes bolsistas e voluntárias. Esse conhecimento será revitalizado por meio da interlocução com as mulheres colaboradoras das oficinas;

Interprofissionalidade – parte da compreensão de que um fenômeno complexo como a violência de gênero e as formas para enfrentá-la exige a composição de uma rede de profissionais e de parceiros, que, conjuntamente, disponibilizem saberes, fazeres, habilidades, conhecimentos, logística...a serviço do povo;

Indissociabilidade – prioriza a articulação entre ensino, pesquisa e extensão como foi evidenciado no transcorrer deste projeto. Implica, portanto, no conhecimento adquirido e refletido sobre a realidade local, por meio da pesquisa que se faz através da ação (FREIRE, 1990). A interface entre extensão e pesquisa propicia a revitalização do conhecimento produzido na disciplina Cultura, Gênero e Religiosidade. Com o fechamento de um ciclo, podem surgir outras perspectivas de atuação.

O desenvolvimento das ações nos polos causará impacto social, pela sensibilização para a formação de grupos de mulheres na região, pelo desenvolvimento de meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimento e pela ampliação de oportunidades educacionais, facilitando o acesso ao processo de formação e de qualificação humana e profissional, a autonomia das ações e o desenvolvimento local e regional.

A partir da prática das oficinas de pesquisa aqui adotada, objetivamos contribuir para a formação humana e educacional de mulheres, assim como para o seu empoderamento e para a promoção de sua qualidade de vida. Além disso,

consubstancia-se uma possibilidade de diálogo com os saberes e fazeres produzidos por esse grupo no momento em que as oficinas ocorrem e depois disso também, já que o caráter multiplicador dessa prática educativa possibilita aos sujeitos em formação disseminar o conhecimento veiculado durante a execução das oficinas para outros espaços sociais. Além disso, traçaremos um perfil do grupo colaborador, visibilizando esse grupo e contribuindo não somente com o traçado de um registro público de dados, mas também para o encaminhamento de ações futuras a serem desencadeadas por instituições governamentais e não governamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas evidências, reforçamos a necessidade de discutir aspectos das relações de gênero, concepções e tipos de violência, as estratégias para enfrentá-la e a quem recorrer para ser atendida. Outros vieses não são menos importantes, como compartilhar experiências sobre como enfrentaram situações de violência de gênero, o que aprenderam a partir da educação familiar, com foco nas relações de gênero, e como têm educado seus filhos e filhas para uma cultura de paz. A Região Metropolitana do Vale do Mamanguape será o espaço propício para uma ação que se configura, concomitantemente, como emergencial, formativa e preventiva, tendo em vista a multiculturalidade presente na formação sócio histórica das comunidades dessa localidade.

Este projeto apresenta-se como uma oportunidade de ampliar essa discussão para outros âmbitos da sociedade, extrapolando o conhecimento produzido na Universidade para diversos espaços sociais, ao contribuir com a organização de grupos de mulheres em situação de violência de gênero na mencionada região, assim como na formação de estudantes. Para tanto, estabelecemos uma parceria com a Escola de Enfermagem Rosa Mística; agente articulador de uma rede de parcerias facilitadoras da execução das ações deste

projeto.

A relação ética entre Universidade e os demais parceiros ocorrerá em diversos momentos do projeto, desde a sua apresentação e adequação, por meio do encaminhamento de demandas específicas a serem executadas por agentes do serviço público, até o momento de socialização dos resultados com a participação das mulheres em situação de violência, dos parceiros e dos (as) estudantes de graduação da Universidade.

Portanto, os conhecimentos multiplicados contribuirão na formulação, efetivação e acompanhamento das políticas públicas prioritárias ao desenvolvimento regional e nacional que têm como foco as mulheres e as relações de gênero.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha).

CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaoespecial/creascesso>. Acesso em: 01 mar. 2013.

CHAVES, G. da N.; STORNI, M. O. T. **O aventurar-se na própria caminhada:** desvelando histórias de leitura, 2002. Disponível em: < http://br.monografias.com/trabalhos/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura.shtml >. Acesso em: 5 ago. 2013.

CRANNY-FRANCIS, A. **Gender studies:** Terms and debates. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

COLL, C.; MARTÍ, E. **Aprendizagem e Desenvolvimento**: a concepção genético-cognitiva da aprendizagem. In: Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia da Educação. Org. C Coll, J-Palácios e A. Maschesi: Porto Alegre: Artes Médicas. v. 2.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

FREIRE, P. **Criando métodos de pesquisa alternativa**: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. *In*: BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MATTE, D. **Estrategias de lãs mujeres para La humanidad**. *In*: LEÓN, I. Mujeres em resistência: experiências, visiones y propuestas. Quito: Agencia Latino Americana de Informacion, 2005.

GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S.; SILVA, C. F. R da. **Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero.** *In:* Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Série B. Textos Básicos de Saúde.

SAFFIOTI, H. I. B. **Conceituando o gênero.** *In:* Gênero e Educação. Caderno de apoio para a educadora e o educador. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Especial da Mulher. Prefeitura de São Paulo. Junho de 2003.

SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e

das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol 27, n. 54, jul.-dez. 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In:***Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22. jul./dez. 1990.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Disponível em: <http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/84698_violencia-domestica>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012**: Atualização: Homicídio de Mulheres no Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012_mulheres.php>. Acesso em: 16 mar. 2013.

WARREN-SHERER, I. **O caráter dos novos movimentos sociais.** *In*: WARREN-SHERER, I.; KRISCHKE, P. J. (Org.). Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.